

Crise faz Medical Health demitir 200 e cortar atendimentos

Operadora enfrenta dificuldades após perder contratos de gestão da assistência médica dos servidores de Mauá e de São Caetano

LUANA MELLO

Especial para o Diário
luanamello@dgabc.com.br

A perda de contratos com as prefeituras de São Caetano e de Mauá levou a empresa de planos de saúde Medical Health - com sede em Santo André - a uma grave crise. A operadora com atuação no Grande ABC demitiu 200 funcionários diante das dificuldades financeiras. Além disso, também suspendeu a realização de exames, consultas, tratamentos e cirurgias dos usuários da assistência médica.

Segundo apurado pelo Diário, as demissões começaram em julho do ano passado de forma bastante tímida. O ápice desses cortes ocorreu em outubro, com o encerramento da gestão dos planos de saúde dos servidores da Prefeitura de Mauá. A nova onda de cortes foi em dezembro, após o final do contrato, desta vez com São Caetano.

Com isso, a Medical Health reduziu o seu quadro de colaboradores de 280 para os atuais 80. Muitos deles deixaram a empresa sem receber seus direitos rescisórios. Quem ainda trabalha na operadora enfrenta atraso nos salários e não recebe mais vale transporte e vale alimentação. “Muitos pedem demissão porque não aguentam a situação”, lamentou um ex-funcionário, que pediu anonimato.

Por outro lado, a Medical Health também deixou de atender procedimentos dos beneficiários que precisam de atendimento. Há pacien-

tes que tiveram até tratamento de câncer cancelado pela operadora. Nesse mesmo período, o número de contratantes dos planos de saúde da empresa caiu de 70 mil para os atuais oito mil na região.

“O fim dos contratos com as prefeituras representou

uma queda de 90% do faturamento da empresa”, justificou Ana Lia Rodrigues de Souza, advogada da Medical Health, ao confirmar a crise ao Diário.

SEM FGTS

Alguns demitidos alegam que a empresa não fizeram o

repasso da contribuição do INSS e do FGTS. Uma ex-funcionária contou que a Medical Health deve R\$ 50 mil de verbas rescisórias. “Alguns deles tiveram que vender o carro para pagar aluguel e até conseguir colocar comida na mesa”, contou.

Outros ex-funcionários pediram as contas porque não aguentaram o descaso. “Por uma semana inteira, fiquei sem vale transporte e vale alimentação. Tive que ir a pé até o serviço.”

PACIENTES

Alguns usuários ficam sem assistência no período. O pai de paciente com câncer relatou que o filho precisou esperar atendimento por dois dias no corredor do Hospital Santa Izildinha. “Como ele não conseguiu uma consulta decente, precisei transferi-lo para o Hospital Mário Covas”.



Claudinei Plaza

DIFICULDADES. Medical Health precisou suspender procedimentos médicos para contornar crise

Empresa descarta seu fechamento

ERIC FUJITA

ericfujita@dgabc.com.br

Para contornar a crise na empresa, a Medical Health busca empréstimos junto aos bancos, num esforço de honrar os compromissos junto aos demitidos e aos prestadores de serviços. Mesmo em meio às dificuldades, a empresa descarta a possibili-

dade de prestar atendimento aos usuários dos planos de saúde.

As afirmações foram feitas ontem pela advogada da operadora, Ana Lia Rodrigues de Souza. “Não tem como deixar de prestar atendimento, pois precisamos cumprir com os requisitos da ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar)”, destacou.

A expectativa da advogada é de que a situação na empresa esteja totalmente normalizada até o fim do primeiro semestre deste ano. “Estamos nesse esforço de ir atrás das instituições financeiras em busca de dinheiro para também fecharmos acordos com os ex-funcionários que entraram com ações na Justiça do Trabalho”, completa.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Economia **Página:** 5